

## MÁRIO DE ANDRADE E O FOLCLORE

Vasco MARIZ

A obra folclorista de Mário de Andrade é menor e menos importante do que habitualmente se imagina. Sem dúvida, envelheceu mais depressa do que sua notável obra musical. O primeiro estudo de caráter folclórico está datado de 1928, isto é, depois da primeira viagem de pesquisas realizada no ano anterior. Tinha 35 anos já e, ao iniciar suas atividades de folclorista, havia escrito nada menos de nove trabalhos musicais. O *Ensaio* é do mesmo ano e *Macunaíma* do anterior. Redigiu somente 18 estudos folclóricos, muitos dos quais foram reunidos posteriormente por Oneida Alvarenga nos três volumes das *Danças Dramáticas do Brasil* (388 + 208 + 326 páginas, Livraria Martins, São Paulo, 1959), o que, em verdade, supera, em número de páginas, os trabalhos musicais e de outros setores de sua criação. Reavaliemos sua contribuição neste setor.

Seus primeiros estudos folclóricos são de 1928: *Romance do Veludo* e *Lundú do Escravo*, ambos publicados em *Música, Doce Música*. Nessa obra são procedidos por eloqüente introdução, que não resisto a tentação de reproduzir: “Não sou folclorista não. Me parece mesmo que não sou nada, na questão dos limites individuais, nem poeta. Sou mas é um indivíduo que, quando senão quando, imagina sobre si mesmo e repara no ser gozado, morto de curiosidade por tudo o que faz mundo). Curiosidade cheia daquela simpatia que o poeta chamou de ‘quase amor’. Isso que permite ser múltiplo e tenho até impressão que bom. Agora que princípio a examinar, com o deficiente conhecimento meu, certos documentos folclóricos, tenho mesmo que afirmar estas coisas verdadeiras. Provam meu respeito pela sabença alheia e afirmam meus direitos de liberdade”.

Os trabalhos folclóricos de Mário têm provocado debate entre os especialistas, os quais, à medida que passam os anos, divergem sensivelmente de suas conclusões ou orientação. Oneida Alvarenga, sua cria intelectual e “irmã-pequena”, ficou com a pesada responsabilidade

de ordenar e publicar sua principal obra, *Danças Dramáticas do Brasil*. Na sua experiência de boa folclorista e melhor amiga, talvez tenha podido algumas arestas com discrição e até conceitos que envelheceram demais. Adiante entraremos mais a fundo na “permanência” da obra folclórica de Mário, que sofreu o natural desgaste do aprimoramento não só dos meios técnicos, quanto dos métodos científicos de pesquisa.

Luiz Heitor, em Paris, contou-me manter todo o seu respeito pela obra folclórica do amigo. Considera que ele fez análise profunda do nosso populário e julga que, depois de Mário, os trabalhos sobre o folclore musical têm sido mais descritivos que analíticos. Recorda que Mário chegou a ser criticado por gastar fundos do Departamento de Cultura fora do seu Estado, ao mandar fazer pesquisas no Nordeste em duas ocasiões. Tais pesquisas estão na Discoteca Pública de São Paulo e uma cópia pode ser encontrada em Paris no Museu do Homem. Considera Luiz Heitor que os trabalhos folclóricos de Mário de Andrade revelam a sua grande honestidade intelectual, ao lado de uma certa insegurança, conseqüência talvez de exagerada autocrítica. Em verdade, Mário dificilmente chega a conclusões definidas: deixa sempre uma dúvida, não conclua talvez por aquela honestidade. Por vezes, chegava a atrasar uma publicação só para aperfeiçoá-la uma vez mais.

O terceiro estudo do escritor paulista foi *A Influência portuguesa nas rodas Infantis*, publicado em *Música, Doce Música*, e foi uma memória para o Congresso Internacional de Arte Popular realizado em Praga, em 1929. Aí defende a tese de que existe nítida diferença entre o canto adulto e o das crianças, que considera ainda estritamente vinculado a Portugal. No mesmo ano, publicava na *Revista de Música*, de Buenos Aires, um pequeno artigo sobre *Danças Dramáticas*, título hoje assaz polêmico. De 1930 temos o excelente artigo sobre as *Origens do Fado*, que julga brasileiro; em 1932, produziu *Berimbau e Romanceiro de Lampeão*; de 1933 é a conferência *Música de Feitiçaria*, aproveitada posteriormente por Oneida; de 1934, os quatro artigos de grande mérito dedicados aos *Congos*, auto popular afro-brasileiro, de que realizou pormenorizado estudo histórico, social e musical. Do mesmo ano é a introdução aos *Estudos de Folclore*, de Luciano Gallet.

Também de 1934 foi a palestra feita na Sociedade de Cultura Artística intitulada *A Música Popular e a Música Erudita*. Destaco a distinção que Mário fazia da música denominada por ele “popularesca”, uma espécie de “submúsica, carne para alimento de rádios e discos, elemento de namoro e interesse comercial com que fábricas, empresas e cantores se sustentam, atucanando a sensualidade fácil de um público em via de transe”. Reconhece porém que, por vezes, “aparecem coisas lindas ou tecnicamente notáveis, mas noventa por cento desta produção é chata,

plagiária, falsa. (...) É uma espécie de arte de consumo, tão necessária e tão consumível com o leite, legume, perfume e sapatos (...) A obra é esquecida e substituída por outra. E como o artista só vive em função da obra que criou, também é usado, gastado e em seguida esquecido substituído por outro". Como tudo isso parece atual em nosso consumismo televisivo dos anos oitenta!

Devo lembrar que Mário de Andrade tinha a intenção de fazer um dicionário de folclore musical e já redigira, ao falecer, mais de mil fichas. Mas voltemos à cronologia folclórica: de 1937 é o exaustivo estudo sobre *O Samba Rural Paulista*, uma ds obras que se sustentam até hoje, considerada por alguns como ponto mais alto da obra musicológica do mestre. Antes porém, em 1935, fizera bonito estudo sobre a *NauCatarineta*, incluído por Oneida em *Danças Dramáticas*. Os trabalhos de nºs 15 e 16 foram *Terapêutica Musical e Medicina de Excretos*, editados pela Livraria, Globo, de Porto Alegre. *As Cheganças* foram de 1939 e estão também incluídas naquela obra póstuma citada. Sua última peça, a 18ª, teve também divulgação atrasada e intitulou-se *O Folclore no Brasil* (1949).

Não importa o que se possa dizer hoje do envelhecimento da obra folclórica de Mário de Andrade e concordo com Rossini Tavares de Lima, que o considera como "um dos poucos escritores brasileiros que tiveram consciência da importância do folclore para a realização da obra de arte. Foi dos primeiros a compreender que a "arte que não tem raízes folclóricas, populares, nunca terá consistência". Aliás, um pormenor curioso revelado por Telê Porto Lopez é que Mário sempre grafava a palavra folclore com sílaba tônica fechada - folclôre - conforme a pronúncia original inglesa.

Um dos mais pormenorizados estudos sobre a contribuição de Mário de Andrade para o folclôre brasileiro foi feito por Florestan Fernandes e dele extraio alguns conceitos. Seu esforço criador foi paralelo com os trabalhos de Luciano Gallet e exerceu-se em um novo campo de investigações: a pesquisa e a análise do folclore musical. Então chegamos à encruzilhada de avaliar o que é o "folclorista-de-gabinete" e o que é "folclorista-de-campo", e o debate fica azedo. Na minha incultara folclórica, do "quasi amor" poético, julgo que ambos tem alto mérito e ambos podem contribuir valiosamente para nossa literatura especializada. Não aceito, portanto, a argumentação de que Mário foi sobretudo um "folclorista-de-escritório" e concordo com Florestan, que o caracteriza como "autêntico pioneiro, consciente de suas responsabilidades e de suas limitações". Também concordo com ele que, "se tomássemos o termo num sentido restrito do folclorista de formação científica, Mário de Andrade não era folclorista". Aliás, ele é o primeiro a dizê-lo, conforme citei anteriormente palavras suas. Florestan julga que Mário apro-

xima-se da orientação de Silvio Romero, procurando determinar a proveniência imediata dos elementos do folclore brasileiro e “mais importante é a sua contribuição ao estudo das fontes do nosso folclore musical. Se a sua obra não é vultosa no terreno do Folclore e sofreu o desgaste natural do tempo e do progresso da ciência, sua contribuição é altamente qualitativa.”

Desejo terminar esta rápido comentário de seus trabalhos folclóricos com palavras de importante crítica elaborada pelo ilustre folclorista Edson Carneiro sobre a aparição, em 1959, da versão coordenada por Oneida Alvarenga de *As Danças Dramáticas do Brasil*. Considera ele que os estudos recentes do populário “se fizeram contra algumas de suas mais diletas orientações”. Reconhece Carneiro porém que, para expor seus pontos-de-vista, “Mário de Andrade teve de fazer um *show* de erudição que dificilmente os seus predecessores poderiam superar na espécie”. (...) No entanto, “enquanto durou sua exibição de cultura - vasta, orgânica e profunda cultura por sinal - Mário fez história e não folclore”. Mas ao mesmo tempo que ele, ilustrava o trabalho de gabinete, endeusava porém a pesquisa: “rasgando amplos horizontes ao futuro”. Julga porém Édson Carneiro que, quinze anos após a sua morte (escrevia isso em 1959) “a publicação dos três volumes das *Danças Dramáticas* marca bem a distância a que ficou dos pesquisadores atuais”. A sua concepção foi sendo abandonada e, “em vez de continuar a história dos folguedos, que já nos chegaram prontos e acabados da Europa, investigaram-se as transformações deles no Brasil, as suas recomposições em folguedos novos, o folclore *in statu nascendi*, enfim as contribuições da sociedade nacional para as diversas formas que assumiram no tempo e no espaço. (...) O folclore fez as suas despedidas das “humanidades” para tentar o reconhecimento como uma das “ciências sociais”. Para este desfecho, que não podia prever, Mário de Andrade contribuiu muito pouco”. Se 30 anos atrás, *As Danças* já pareciam ultrapassadas a Edson Carneiro, hoje pode-se concluir que a distância aumentou.

\*

### *Adendo.*

Depois que este estudo já estava feito, apareceram mais dois livros de Mário de Andrade no terreno do folclore, ainda inéditos até

recentemente, e cujas edições ficaram a cargo de Oneida Alvarenga: *Os côcos* (1984) e *As Melodias do Boi e outras Peças* (1987). Ambos foram publicados pela Livraria Duas Cidades, em convênio com a Fundação Pro-Memória e o Instituto Nacional do Livro. Esses dois valiosos estudos se beneficiaram da organização e da apresentação de Oneida, discípula dileta do mestre. O suplemento "Cultura" de "O Estado de São Paulo" divulgou oportunamente comentários sobre esses trabalhos, redigidos por Arnaldo Senise.

Finalmente, está prevista para o fim do ano corrente a publicação do *Dicionário do Folclore*, que Mário deixou incompleto. A edição está a cargo de Flávia Toni e o editor é a Livraria Itatiaia, de Belo Horizonte. Já vi as volumosas provas do dicionário, que certamente vai despertar muito interesse e talvez polêmica entre os especialistas. Tudo isto prova que Mario de Andrade continua bem vivo (apesar do desgaste do tempo decorrido) no terreno do folclore, sua paixão maior.